



## A PESQUISA COM OS COTIDIANOS E A TRAJETÓRIA DE UMA DE UMA DOCENTE DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Cláudia Botelho Silva<sup>1</sup>  
Inês Barbosa de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa na área da educação, que teve dentre seus objetivos compreender as escolhas metodológicas feitas pela docente de língua inglesa durante as aulas para perceber se tais escolhas estavam relacionadas com sua formação acadêmica e trajetória docente, e se possibilitavam o desenvolvimento do inglês oral.

Metodologia: trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de um “mergulho” na sala de aula de uma turma do sétimo ano, para observar o cotidiano escolar.

Os dados foram produzidos por meio de observação de aulas e duas entrevistas semiestruturadas com a docente.

Concluímos que a formação acadêmica da docente exerce forte influência na maneira como ela traça os objetivos das aulas e escolhe os métodos de ensino, e que é possível desenvolver a oralidade com os alunos independente do método utilizado.

**Palavras-chave:** Métodos de ensino de inglês, Cotidiano escolar, Trajetória docente.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das reflexões presentes na minha dissertação de mestrado que está inscrita no campo de políticas.

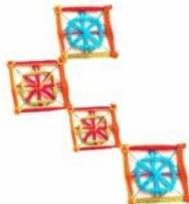
Nosso ponto de partida foi a ideia de que a aprendizagem do inglês pode ampliar a visão de mundo dos jovens do ensino fundamental, ainda que eles não tenham maturidade para compreender a importância de tal aprendizado em suas vidas. O papel da escola é sensibilizá-los, despertando o interesse para que venham a aprofundar-se mais no estudo do idioma no futuro.

Faz-se necessário que as práticas docentes sejam *desinvizibilizadas*, no sentido do reconhecimento de que há muita coisa de qualidade acontecendo dentro dos muros

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá - RJ, [cbotelhosilva@gmail.com](mailto:cbotelhosilva@gmail.com);

<sup>2</sup> Inês Barbosa de Oliveira, Doutora em Sciences Et Théories de L'éducation pelo Université de Sciences Humaines de Strasbourg, França(1993), Professora Adjunto da Universidade Estácio de Sá-RJ, [inesbo21@gmail.com](mailto:inesbo21@gmail.com)



das escolas públicas. Elas precisam ser mostradas à sociedade que acaba reproduzindo as falas daqueles que desconhecem o real valor do espaço público de produção de conhecimento.

No presente artigo, partimos das reflexões produzidas a partir das entrevistas com a docente e focamos nas questões das escolhas metodológicas para o ensino do inglês, e se tais escolhas contribuíram para o desenvolvimento do inglês oral.

Assim, registramos e analisamos elementos da história de vida da professora da turma, do ponto de vista da trajetória pessoal e acadêmica que dialogaram com suas escolhas metodológicas e com as práticas efetivamente desenvolvidas. Fizemos isso com vistas a entendermos se as metodologias escolhidas têm foco prioritário no ensino da gramática ou no desenvolvimento da habilidade oral. Entendemos que, com isso, esse estudo contribuirá para um adensamento da discussão em torno do ensino do inglês nas escolas regulares.

## **METODOLOGIA**

Enquanto observava as aulas, questionamentos me surgiam sobre a prática docente da professora, e foi somente a partir do contato com o cotidiano das aulas que preparei as perguntas para as duas entrevistas semiestruturadas que fiz com a regente da turma. Com a devida autorização da docente, gravei suas falas e as transcrevi, produzindo os dados.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nossa pesquisa se desenvolveu na perspectiva metodológica das pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas (ALVES; GARCIA, 2008; OLIVEIRA; ALVES, 2008; OLIVEIRA; SGARBI, 2008) e a partir da observação do cotidiano de uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental, considerando, como sugere essa abordagem metodológica, o espaço escolar como um todo, para além daquilo que ocorre na sala de aula.

Optamos pelo uso do plural nos/dos/com para demonstrar a pluralidade presente no cotidiano, uma vez que ele é um fenômeno que acontece em rede. Portanto, todos os



ambientes escolares contam, pois o nosso olhar transcende o que acontece na sala de aula.

A escolha pela pesquisa com os cotidianos deve-se à compreensão de que o cotidiano é um espaço de criação, é um espaço onde aquilo que está previsto se modifica pela ação dos sujeitos, pelos conhecimentos anteriores, pelas capacidades, pelas condições de trabalho e por tantas outras razões que fazem de cada realidade uma experiência diferente de todas as outras (CERTEAU, 1994). Acreditamos, ainda, que o conhecimento se tece em redes em que todos esses aspectos se relacionam e interagem. Portanto, para saber como se desenvolve o que está previsto, é preciso estar presente no ambiente que pretendemos investigar (OLIVEIRA e ALVES, 2008).

As pesquisas nos/dos/com os cotidianos, embora utilizem procedimentos de pesquisa comuns a outras metodologias qualitativas, têm suas peculiaridades

Quando estamos mergulhados no cotidiano, vemos os detalhes. Ao passo que de longe não os vemos, Certeau (1994). Do alto, eu vejo tudo, mas não compreendo nada. Só conseguimos essa percepção quando estamos andando. Pois, quanto mais longe, menos se percebe o que se está vendo, por conseguinte, somente quando mergulhamos é que vamos compreender o que estamos vendo.

A ideia da modernidade é de que o observador tem que ter um olhar externo, ele tem que se distanciar do objeto. E quando estamos longe, o único sentido que usamos é a visão, ou seja, o sentido privilegiado na perspectiva moderna é a visão, não sentimos os cheiros, não escutamos. E como não sentimos os acontecimentos, explicamos o que vemos. Ao passo que as pesquisas nos/dos/com os cotidianos objetivam compreender os fenômenos para traçar estratégias locais de ações pontuais, que possam vir a contribuir para a melhoria da realidade escolar pesquisada. Não buscamos generalizações, pois nossa pesquisa parte do microcosmo, a sala de aula, portanto, nossas conclusões estão circunscritas ao ambiente pesquisado, que exemplifica um dos modos possíveis de ocorrência, mas não pode definir o conjunto de possibilidades.

O cotidiano escolar é um processo em construção. A escola não é, ela está sendo, ela acontece todo dia. Existe um dinamismo permanente de construção. Um olhar congelado não dá conta desse cotidiano.

Não achamos que a escola seja uma maravilha, mas já tem gente demais falando muito mal dela, portanto, decidimos destacar os aspectos positivos da realidade escolar.



O ideal passa por verdade na narrativa hegemônica do Governo. Muitas das críticas que são feitas à escola partem de um ideal que não existe: alunos com todo o material, etc.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Um pouco sobre um dos nossos mergulhos na sala de aula da turma 701**

Mergulhamos no cotidiano das aulas de inglês ministradas na turma 701 no ano de 2019, numa escola de ensino fundamental localizada no Bairro Barreto, na cidade de Niterói- RJ.

A aula inicia com a professora escrevendo no quadro as regras de formação do *Simple Present*. Portanto, temos o ensino da gramática como o objetivo central da aula. Os alunos copiam do quadro.

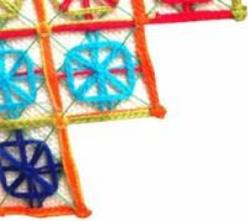
Quando termina de escrever, ela, imediatamente, inicia a explicação dos usos do Presente Simples, em inglês. Os alunos prestam a atenção à explicação e respondem às perguntas de sondagem da compreensão que ela faz. Enquanto eles finalizam a cópia do quadro, ela distribui as folhas do exercício que ela preparou para que eles pratiquem a estrutura verbal que ela está ensinando.

#### **Considerações sobre a aula observada:**

O aprendizado de regras gramaticais pertinentes à língua-alvo é importante, uma vez que, a partir de tal conhecimento, o aluno poderá formular frases com mais segurança, pois a gramática funciona como um tipo de alicerce de todo idioma.

Nosso sistema educacional prioriza o ensino conteudista, formalista e desvinculado de objetivos para a vida cotidiana. Um grande número de escolas tem como objetivo de seu Projeto Político-Pedagógico que seu corpo discente obtenha bons resultados nos exames nacionais, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Pelo menos em sua formulação, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que fez parte da nossa pesquisa não reproduz isso e afirma visar à formação dos alunos como um todo, acadêmica e humanamente falando.

As respostas da professora dão corpo a uma narrativa que nos possibilita compreender traços da sua prática docente que vão além das respostas verbalizadas. Ao falar de sua história de vida privada e docente, a professora nos permite tecer fios que



nos levam a uma melhor compreensão do que acontece na sala de aula e sobre sua prática docente.

### **Sobre as metodologias de ensino de inglês escolhidas pela docente para trabalhar com os alunos**

**Pesquisadora:** Fale-me sobre suas escolhas metodológicas para as suas aulas e as razões que as motivam.

**Ana:** Bom, razões que motivam a minha escolha: número de alunos, nível de cada turma(...) (...)Os alunos vão ter mais dificuldade e trabalho muito com a gramática e com o vocabulário, até porque quando eu fiz pós-graduação, meu foco foi em gramática, no ensino da gramática e eu trabalho essa parte, mas também tento trabalhar dentro de um contexto, dentro de temas.

O livro didático já vem dividido assim em temas. Então a unidade 1 vai trabalhar tal tema, etc. Eu tento unir a gramática, trabalhar um tópico gramatical, em seguida, eu já prevejo um tópico gramatical e seleciono o tipo de vocabulário que eu possa expandir de acordo com o tema proposto, é assim que eu tento trabalhar.

A docente evidencia, nesse relato, sua dificuldade em escolher a metodologia de ensino do idioma. Sua formação docente e o quantitativo de alunos em sala de aula seguem como guia na escolha do método de ensino. Ela pontua, ainda: “(...) porque quando eu fiz pós-graduação, meu foco foi em gramática, no ensino da gramática e eu trabalho essa parte, mas também tento trabalhar dentro de um contexto, dentro de temas”. Ou seja, sua narrativa nos indica que a escolha metodológica se relaciona com aquilo que se sente capaz de fazer, no campo que conhece melhor e no qual, portanto, se sente mais à vontade.

Ela utiliza o método Gramática Tradução, o Situacional e o de Leitura. Ela escolhe o método de acordo com o objetivo da sua aula, variando, portanto, conforme a circunstância.

### **Sobre a prática docente e as contribuições do campo da didática**

**Pesquisadora:** Como sua prática docente dialoga com a formação docente que você vivenciou na Universidade? Ou seja, a maneira como o seu programa de formação docente te ensinou a trabalhar e como você efetivamente construiu sua prática pedagógica.

**Ana<sup>3</sup>:** (...) eu não tive muito professor que pensava naquela coisa de educação bancária, igual tinha educação bancária, que se fala, né(...) (...) Pelo contrário, na minha formação docente, os professores trabalhavam muito tentando desconstruir essa coisa do professor como

---

<sup>3</sup> Usamos um nome fictício para preservar a identidade da professora.



transmissor de conhecimento e na verdade encarando o professor como mediador, ele tá ali pra mediar o que tá acontecendo na sala de aula, o conhecimento, levando em consideração que o aluno já sabe e tentando acrescentar aquilo ali. Aí foi isso que eu tive na faculdade e nos cursos que eu fiz. Então eu tento fazer justamente isso, se for trabalhar um texto, previamente, eu tento ver o que o aluno já sabe a respeito daquele assunto, tento motivá-lo a colocar o seu conhecimento prévio para dialogar com o assunto da aula.

Após ter trabalhado em várias instituições de ensino, a professora foi fazendo ajustes na sua forma de ensinar sempre procurando se adaptar aos anseios dos alunos e da instituição onde trabalhava. Podemos afirmar que o professor é um profissional, cuja formação está em constante desenvolvimento.

A docente pontua, ainda, que o planejamento das suas aulas tem como ponto de partida a realidade dos alunos. Sua prática docente dialoga com o pensamento dos seus professores durante sua formação docente, a ideia de que o professor deve ser mais do que um simples transmissor de conteúdos, que deve buscar atrelar seu planejamento à realidade discente.

**Pesquisadora:** Fale-me sobre o papel da didática na sua formação docente e como ela dialoga com sua prática docente hoje? Me refiro às suas escolhas metodológicas.

**Ana:** Como eu trabalhei muito em curso, e falava muito do método comunicativo<sup>4</sup>, eu tinha muito disso. Mas às vezes, com as turmas grandes e heterogêneas, eu não conseguia trabalhar de acordo com os pressupostos desse método. Então o que eu uso mais, em termos de metodologia, é um inglês instrumental mesmo, a leitura e alguma coisa de produção escrita (...) (...)Portanto, meu foco era um inglês instrumental.

A docente relata que, apesar de considerar o método comunicativo um bom método, sempre optou por utilizar o método Gramática Tradução em suas aulas devido às questões operacionais como a do número de alunos em sala de aula, pois nas escolas de idiomas privadas, o número de alunos é reduzido, sendo o máximo 20 alunos por turma. Por esse motivo, muitos professores acreditam que a metodologia comunicativa só terá êxito caso seja trabalhada dentro de condições semelhantes às que as escolas de idiomas possuem.

---

<sup>4</sup> O método comunicativo busca trabalhar as quatro habilidades da língua: escuta, fala, leitura e escrita. Esse método parte da ideia de que toda e qualquer enunciação linguística carrega os significados e intenções de seus falantes e escritores. Consequentemente, o objetivo principal desse método é desenvolver a proficiência comunicativa de seus falantes em vez de objetivar a maestria gramatical da parte dos alunos.



A nova BNCC diz que “cai por terra a ideia de exigir que o aluno produza um inglês correto, do contrário, não sabe falar inglês” (BRASIL, 2017, p. 241). Reafirma, portanto, pressupostos do método comunicativo, que procura buscar um equilíbrio entre o ensino das funções da língua e das estruturas gramaticais. Uma das características principais é o trabalho em pares, em que os participantes interagem ou participam em algum tipo de transação: um dos participantes tem uma intenção e seu interlocutor expande a conversa ou reage ao que escutou.

A maioria dos professores de escolas regulares considera a questão do barulho em sala como o maior obstáculo para o trabalho com a habilidade de escuta, que leva os alunos a desenvolverem a fala. Portanto, optam em focar na habilidade de leitura e tradução e raramente chegam a desenvolver trabalhos de produção escrita também.

As minhas observações de aulas e minha própria prática docente me mostraram que não é impossível o desenvolvimento da habilidade oral, porém, tal processo demanda um planejamento maior da parte do professor das escolas regulares, focando em certos ajustes logísticos para que uma metodologia que priorize o desenvolvimento da oralidade possa ser utilizada.

### **Como nossa entrevistada aprendeu a língua inglesa**

**Pesquisadora:** Então, Aline, me fala um pouco sobre como se deu o seu aprendizado da língua Inglesa.

**Ana:** O meu aprendizado não se deu tão cedo assim, eu comecei a estudar com 13 anos, e foi uma coisa! Eu não era tão criança, foi uma decisão dos meus pais por uma questão de eu ter que aprender uma outra língua, e o inglês na época que eu comecei a aprender, e ainda hoje, é a língua que todo mundo aprende primeiro como língua estrangeira.

**Pesquisadora:** Mas, você gostava? Era uma vontade sua? Ou foi mais dos seus pais?

**Ana:** Foi mais dos meus pais, foi imposição total, eu não queria fazer o curso, mas a primeira aula que eu assisti, eu já adorei, e o método era aquele método... não era comunicativo na época, era áudio-lingual, né?! Era do CCAA<sup>5</sup>. Mas, assim, eu gostei, e já me identifiquei como minha matéria favorita.

**Pesquisadora:** Então você fez o curso todo no CCAA?

---

<sup>5</sup> O Centro Cultural Anglo Americano (CCAA), era um dos cursos que mais fazia sucesso nos anos 1980, ano em que nossa entrevistada começou a estudar o idioma. A primeira coisa que nos chamou a atenção foi o fato desta escola de idiomas utilizar o método audiolingual, ela também, narra que se identificou com o método, desde o primeiro dia de aula. O método audiolingual dá grande ênfase à parte gramatical no ensino do idioma. Ela menciona também o método comunicativo, nos dando a entender que caso seu aprendizado tivesse acontecido nos dias atuais, ela teria aprendido através dele.



**Ana:** Fiz, e quando eu comecei a fazer o curso, e eu me identifiquei, eu já tinha decidido que era “isso que eu ia fazer”, antes eu não sabia exatamente com o que eu queria trabalhar (...)

A professora Ana aprendeu inglês através da metodologia audiolingual, Na época da criação do *Audiolingualism*, a teoria behaviorista, cujo principal expoente era o psicólogo Skinner (1957), estava em alta. De acordo com essa teoria, dominar uma língua significa adquirir um conjunto apropriado de estímulos e respostas. Deprendemos da sua fala que, como ela aprendeu o idioma através dessa metodologia, essa também foi a primeira metodologia de ensino de idioma com a qual ela teve contato. Consequentemente, há uma grande chance de ela querer reproduzir essa metodologia em suas aulas. Eu formulei essa pergunta, pois já tinha percebido nas aulas observadas traços pertinentes ao audiolingualismo. E quando ela diz que não aprendeu inglês com uma metodologia comunicativa, me parece que ela acredita que o método comunicativo traz resultados mais eficazes para um ensino do idioma com foco no desenvolvimneto da fluência oral. Essa hipótese foi confirmada na primeira entrevista quando ela disse que gostava do método de ensino da Cultura Inglesa, que é o método comunicativo, as falas abaixo ilustram nossa conclusão.

**Pesquisadora:** Onde você gostou mais de trabalhar? Onde te dava mais alegria? A prática docente te motivava?

**Ana:** Olha... eu acho que gostei mais de trabalhar na Cultura Inglesa. Porque, é...por causa do método...eu gostava do método(...)

**Ana:** Atualmente, eu acho que eu iria priorizar a “fala”, a comunicação oral dos alunos. Se eu fosse priorizar alguma coisa.

As falas da docente sinalizam seu desejo de ter o desenvolvimento da oralidade como o foco de suas aulas.

## Formação Docente

**Pesquisadora:** E você fez sua graduação onde?

**Ana:** Eu comecei na UERJ<sup>6</sup>, fiz um ano de licenciatura, mas decidi que eu não queria dar aula. Aí eu fui buscar outra coisa na área de inglês, na área de língua. Aí eu fiz um curso de tradução no IBEU<sup>7</sup>, na Tijuca,<sup>8</sup> na época, aí eu fiz 1 ano, gostei... aí eu disse: é isso que eu quero fazer, tradução. Só que na época, eu com 17 pra 18 anos, não

<sup>6</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Instituto Brasil Estados Unidos.

<sup>8</sup> Bairro situado na cidade do Rio de Janeiro.

tinha nenhum curso com tradução aqui, em São Gonçalo<sup>9</sup>, nem em Niterói<sup>10</sup>. O único curso que tinha era na Gávea, era na PUC<sup>11</sup>(...)

**Pesquisadora:** Então, você fez a sua graduação em Letras na PUC.

**Ana:** Foi. E eu saí Bacharel em tradução, porque eu não fiz licenciatura. Só que enquanto eu fazia... Na verdade, assim, com 16 anos eu tive a minha primeira experiência em magistério, e foi em uma turma de 1ª a 4ª série, numa escola em Santa Izabel (bairro de São Gonçalo) (...)

Depois, voltando à faculdade, enquanto eu fazia faculdade, que eu tinha decidido fazer Tradução, eu comecei a dar aula em curso, pra ter uma renda, né?!

**Pesquisadora:** E qual foi o primeiro curso? Você lembra?

**Ana:** O primeiro curso foi... que eu dei aula, foi o CNA<sup>12</sup>. Tinha um CNA em frente à minha casa.

**Pesquisadora:** Você voltou para fazer uma complementação pedagógica?

**Ana:** Não, eu ainda estava fazendo faculdade.

**Pesquisadora:** Então, você acabou Tradução e começou a fazer outra faculdade?

**Ana:** Enquanto eu estava fazendo a faculdade de Tradução, eu estava dando aula também... quer dizer, eu voltei a dar aula.

**Pesquisadora:** Mas, aí você fez uma complementação pedagógica ou não?

**Ana:** Fiz. Depois do curso de Tradução... como eu já tava dando aula, eu pensei: Agora, eu quero fazer concurso, né?! E pra fazer concurso, eu tinha que ter licenciatura. Só que quando eu fiz minha licenciatura, eu fiz só em inglês, eu não sou professora de Português. Eu sou professora de Inglês, só.

**Ana:** (...) Aí depois desse curso, eu já estava com o diploma de professora. Eu já podia fazer concurso. E o mercado de tradução... muito fechado. Eu cheguei a fazer estágio, mas... a gente não saía da faculdade para o mercado de tradução, saía para o mercado de “professor” mesmo, de licenciatura. E eu já estava nele, na verdade, e acabei voltando.

Constatamos, no relato da professora sobre sua formação docente, que ela teve uma formação inicial como tradutora, mas o mercado de trabalho a fez mudar de planos e optar pelo magistério. Desde a adolescência, a professora encantou-se com a língua inglesa, porém, não fez planos para tornar-se professora, as coisas foram acontecendo, e de modo não planejado, e ela se tornou professora.

**Pesquisadora:** Você acredita que exista algum recurso material que possa facilitar o processo ensino- aprendizagem?

<sup>9</sup>Cidade situada no estado do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup>Cidade situada no estado do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>12</sup> Cultural Norte-Americano é uma rede de escolas de idiomas privada brasileira, com foco no ensino de inglês e espanhol, fundada por Luiz Nogueira da Gama Neto. Disponível em [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org). Acesso em 01/07/2019.



**Ana:** Uma coisa que seria um ideal, seria um sonho, seria uma sala temática, né. De inglês, língua inglesa. Turmas divididas, que eu até já vi em outros colégios. Assim, um projeto que fizesse como se fosse mesmo um curso dentro colégio. Desta forma teríamos um número de alunos que possibilitaria que trabalhássemos as quatro habilidades, que nos permitiria ensinar os alunos a falar, a aprender a ouvir...

Aqui a professora se refere ao método comunicativo, aquele que é utilizado em cursos privados de inglês, como a Cultura Inglesa.

**Pesquisadora:** Caso as salas de aula temáticas existissem, qual habilidade você acredita que deveria ser priorizada?

**Ana:** Atualmente, eu acho que eu iria priorizar a “fala”, a comunicação oral dos alunos. Se eu fosse priorizar alguma coisa.

**Pesquisadora:** E você acha que não dá para priorizar a “fala” por conta do ...

**Ana:** Por conta do quantitativo de alunos, por falta de material mesmo, de infraestrutura, uma sala que comportasse os alunos.

Nesse relato, nos deparamos com o imaginário do “contexto ideal” para que a oralidade do idioma possa ser trabalhada com os alunos. Existe a crença de que a oralidade do idioma somente poderá ser desenvolvida caso tenhamos as condições materiais similares àquelas encontradas nas escolas de inglês privadas. Essa crença é compartilhada pela grande maioria dos docentes de língua inglesa. Mas na prática, sabemos que essas condições ideais estão longe de serem atingidas. Considerando, no entanto, as possibilidades concretas de criação em diálogo com o que a realidade oferece, entendo que cabe a nós, docentes, criarmos estratégias e buscarmos metodologias que nos permitam trazer o inglês oral para dentro das salas de aula de escolas regulares, dentro dos limites e possibilidades de cada realidade escolar, como já fazemos em muitos casos.

**Ana:** O ideal seria que tivéssemos mais professores trabalhando em um projeto, né. Sendo que aqui na escola, temos poucos professores de inglês, não temos coordenador de área, então são poucos professores, e todos já estão cumprindo toda a carga horária que devem cumprir. Ou seja, não temos tempo fora de sala para desenvolver um projeto em conjunto.

A professora pontua a falta de tempo para trabalhar colaborativamente, que é outro problema enfrentado nas escolas. A meu ver, este problema supera a falta de condições físicas de trabalho. O trabalho em equipe seria de grande valia para suplantar grande parte dos obstáculos que encontramos no dia a dia da escola.



Ainda assim, trabalhamos e procuramos levar nossos alunos a aprendizagens importantes, conforme confirma nossa entrevistada ao ser perguntada sobre sua prática docente.

Concluimos, portanto que há pontos de contato entre as escolhas metodológicas registradas em sala de aula e a trajetória de aprendizado da língua inglesa da docente de nossa pesquisa. E além disso, podemos dizer que existe a possibilidade de desenvolvimento do inglês oral durante todas as aulas, partindo da teoria da complexidade de Edgar Morin.

No campo da complexidade, Edgar Morin (2018, p. 181) nos traz a ideia do princípio hologramático. Segundo ele,

Holograma é a imagem física cujas qualidades de relevo, de cor, e de presença são devidas ao fato de cada um de seus pontos incluírem quase toda a informação do conjunto que ele representa. Nós temos esse tipo de organização nos nossos organismos biológicos; cada uma de nossas células, até mesmo a mais modesta célula da epiderme, contém a informação global.

Em se tratando da escolha metodológica feita por um professor de inglês em uma aula, digamos que ele escolha o Método Gramática Tradução. Refletindo sobre essa metodologia sob a ótica do princípio hologramático, podemos dizer que o método Gramática Tradução traz em si características de todos os outros métodos existentes para o ensino do idioma. Desta forma, não teremos apenas a aprendizagem de tradução de palavras, uma vez que o aluno estará ouvindo as frases, e desenvolvendo a habilidade da escuta (*listening*), ao mesmo tempo em que estará desenvolvendo a oralidade através da leitura (*reading/speaking*), e estará treinando a escrita (*writing*) com os exercícios escritos. Dependendo do objetivo de cada aula, um certo traço ou uma certa habilidade da língua será mais enfatizada. Dessa forma, concluimos que as quatro habilidades da língua: escutar, falar, ler e escrever estão presentes em todas as aulas, pois o todo está nas partes e as partes estão no todo, como também aprendemos com Morin.

As informações trazidas pela empiria apontam para o fato de ser possível desenvolver a oralidade em ambiente de escolas regulares. Nosso objetivo de pesquisa não era medir se a oralidade desenvolvida entre os aprendizes geraria ou não proficiência no idioma, tampouco o seu grau. Sugerimos estudos futuros para compreender o grau da proficiência da oralidade dos estudantes de escolas regulares.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registramos e analisamos os elementos da história de vida da professora da turma 701 e concluímos que a formação docente que ela recebeu e a experiência adquirida em seu início de carreira influenciaram e ainda influenciam de forma expressiva sua prática docente.

A professora aprendeu a língua inglesa com o método audiolingual, que enfatiza o aprendizado das estruturas gramaticais do idioma. Assim, pudemos perceber que o ensino da gramática era presente em suas aulas. Ela também tem formação em Tradução, essa informação nos leva a compreender a ênfase dada à tradução nas suas aulas.

As aulas observadas nos brindaram com um dia a dia cheio de aprendizado em língua inglesa, e com alunos engajados e motivados para aprender o idioma. A oralidade do inglês esteve presente em todas as aulas, principalmente sob a ótica da teoria da complexidade de Edgard Morin (2018).

As entrevistas com a professora nos ajudaram na compreensão da ideologia que subjaz suas escolhas metodológicas, e mais do que isso, nos possibilitaram captar os pontos de contato entre sua fala, na qual ela descreveu seu caminho de aprendizado da língua inglesa e sua posterior trajetória docente.

## REFERÊNCIAS

- ALVES; GARCIA, Regina Leite. *O sentido da escola*. 5.ed. Petrópolis: DP e Alii, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
- OLIVEIRA; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/nos/com os cotidianos das escolas*. Sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alli, 2008.
- \_\_\_\_\_; SGARBI, Paulo. *Estudos do cotidiano & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação.)